

O YETI DE CAMBARÁ

Esta noite as dores voltaram. Tentei erguer-me para apanhar os remédios: as pernas pesaram, os músculos contraíram-se. Permaneci então deitado, pressentindo o colapso do coração. O torpor alastrou-se, atingindo os braços, a cabeça. Ao fechar os olhos, temi não mais abri-los, mas agora me sinto melhor. Tenho pouco tempo, preciso agregar à memória de meu irmão a história que vivi em uma madrugada fria como esta, em uma outra época.

Confesso que esta história estava quase esquecida nestes tempos de doença e dor. Mas, semana passada, li que encontraram a ossada de um primata gigantesco no fundo do cânion. Querem enviá-la a São Paulo para análise, submetê-la ao Carbono 14. Acreditam ser um fóssil raro, um animal pré-histórico. Digo que é pura perda de tempo.

Neste documento datado e assinado sob juramento, que se Deus permitir levarei a registro, afirmo que o esqueleto extraído das profundezas do cânion Fortaleza não tem mais do que oitenta anos, como ficará comprovado ao apromptarem-se os exames. Faço desta afirmação pública não um legado à humanidade, mas um tributo a meu irmão Rodrigo, emboscado durante a Revolução de 32 e enterrado sem honras em uma cova rasa nas cercanias de São Paulo. Os interessados encontrarão aqui um relato sucinto da inesquecível noite de vinte e sete de julho de 1925. Reconheço que os fatos descritos não são passíveis de prova. Aos incrédulos restará, como sempre, o benefício da dúvida.

* * *

Morávamos em uma fazenda perto de Cambará do Sul, na divisa com Santa Catarina. Era uma propriedade grande, que abrangia quase todos os cânions do que hoje é o Parque da Serra Geral. Meu pai criava gado, e plantávamos alguma coisa na pequena horta atrás da casa.

Naquela época a região era desolada e selvagem. Os abismos surgiam sem aviso, tragando homens e animais, e pareciam ainda mais escarpados e profundos, soprando a *viração* pelas bordas. Das entranhas da terra soavam ruídos ameaçadores, nas noites sem lua fogos-fátuos cruzavam os campos cobertos pela geada. Entreviam-se luzes e resplandecências em meio aos capões, e eram comuns os relatos de criaturas vagando pela bruma. Logo as tropas de

mulas que seguiam para Lages resolveram mudar o trajeto, tornando raros os viajantes que se aventuravam por aquelas trilhas desertas.

Vitorioso na Revolução, meu avô chimango ganhou trinta mil hectares nos atuais municípios de São José dos Ausentes e Cambará do Sul. Foi a nossa, uma das primeiras famílias a povoar aquela região gelada e esquecida por Deus.

No outono de 1925 aconteceram coisas extraordinárias na fazenda. Quase toda semana era encontrada a carcaça de uma rês, geralmente com a língua extirpada. Os peões, acostumados a churrascos na vala e rodas de mate, tornaram-se mais arredios. Quando o velho Argemiro jurou ter visto um vulto cinzento, esgueirando-se por entre os arbustos, suspenderam até os jogos de truco ao entardecer. Inquietos, evitavam afastar-se em demasia da sede, e passaram a obedecer nossas ordens com evidente má vontade. Ao cair da noite todos se dirigiam para o alojamento, envolvendo a propriedade em silêncio.

Quando encontraram o corpo decepado de um dos cavalos, próximo à estrebaria, alguns homens pediram as contas. Depois veio o sumiço do Argemiro, sempre dado a andanças noturnas. Chegou gente de todo o lado para ajudar nas buscas, mas depois de algum tempo meu pai concluiu que o velho cachaceiro tinha mesmo caído de um daqueles peirais.

A coisa piorou mesmo no dia em que Rodrigo encontrou a cabeça de Argemiro às margens do rio. Meu pai mandou que ficasse calado e a enterrasse, mas um segredo daqueles era impossível de guardar. Deu-se uma debandada geral na fazenda. Ficaram apenas Jonas, o capataz, e quatro ou cinco empregados antigos, cujos salários prometemos aumentar.

Seguiram-se alguns meses de uma tranqüilidade assustada, até a manhã em que minha irmã caçula teve febre alta. Depois veio a tosse, o vômito, o medo. Os sintomas eram os mesmos do filho do nosso vizinho, morto no ano anterior. Meu pai mandou preparar a carroça e, antes do entardecer, partiu para São Francisco com a pequena Sara e quatro peões bem armados, que a viagem era longa até a casa do doutor.

Fiquei a sós com Rodrigo, o que para mim significava estar com o próprio Deus. Ao anoitecer, Jonas já dormia, alcoolizado, mas lembro-me de não sentir temor. Rodrigo podia parecer tudo, menos um irmão mais velho. Talvez tentasse compensar a falta que mamãe fazia, ou talvez fosse mesmo uma alma nobre, não sei. O fato é que amava meu irmão mais do que qualquer coisa na Terra.

Ele se preparava para o Colégio Militar. Ficava longas horas estudando, aflito com o exame. Naquela noite, lembro-me bem, estava mais falante, mostrou as gravuras dos seus livros, e até repetiu a história do tiro que acertara em um leão-baio, no alagadiço em frente a nossa casa. Foi uma das últimas vezes que o

recordo sorrindo. Até o dia em que foi alvejado pelas costas, Rodrigo se tornou cada vez mais distante, taciturno, e há quem diga que nos últimos anos lia sobre pacifismo e cogitava em largar o Exército.

Passava das onze horas, ouvia-se apenas o ruído dos grilos e a respiração irregular de Jonas, incumbido de nos defender. Embora os olhos pesassem, eu relutava em ir para a cama. Queria ouvir o piar da coruja, surpreender as estrelas do meio da noite. Acordei-me com as sacudidelas de Rodrigo, já com o casaco na mão.

— Tu tá ouvindo?

— O quê?

Fez um sinal para prestar atenção e encostou o ouvido na porta. Depois foi à sala ao lado e voltou com a Winchester.

— Vamos descobrir que negócio é este!

Abriu a porta e ganhou o quintal, o rifle nas mãos. Rajadas de vento sacudiam a vegetação coberta de orvalho congelado, afastando as nuvens em direção ao litoral. Senti o abraço gélido da noite apertando meus ombros, mas corri até ele aos prantos, implorando que levasse o capataz.

— Jonas? É melhor que durma.

Parou no centro do terreno, os olhos atentos. Chovera muito no dia anterior, e as poças semicongeladas refletiam as estrelas na noite sem lua. Ouvia-se apenas o ruído dos grilos em meio à escuridão. Rodrigo deu uma volta completa em torno da casa, ignorando meus apelos para que entrasse. Já estava de volta ao alpendre quando escutamos o rugido, vindo da mata de araucárias.

— Vai lá dentro e traz o lampião!

Tentei correr para a casa, mas estava paralisado. Agarrei-me a meu irmão, e sentimos o cheiro inconfundível de pelego molhado. Os grilos aquietaram-se, uma perdiz alçou vôo.

Atrás da cerca, uma criatura gigantesca aproximava-se a passos largos. Vi as presas salientes, a saliva espumante, o brilho selvagem dos olhos. Então, tornei a escutar aquele rugido abominável. Rodrigo puxou o gatilho, e a cabeça tingiu-se de vermelho. A criatura urrou, recuando. Meu irmão recarregou a arma muito rápido, mas ela já se afastava, esgueirando-se por entre as árvores.

— Vou pegar o cavalo — gritou, correndo para a estrebaria.

Fugi para a varanda, aquela imagem ainda me perseguindo. Na sala, Jonas cambaleava.

— Rodrigo acertou um urso! — gritei. — Precisa da tua ajuda.

— Sair nesta noite escura? — a voz arrastada me repulsou. — Tu e teu irmão endoideceram de vez!

O capataz trancou a porta da sala. Eu disse que ele era um covarde, que iria contar tudo para o meu pai, mas não adiantou. Ajoelhei-me e rezei sem parar, os soluços quase me engasgando.

* * *

Rodrigo anunciou sua chegada com um tiro, cerca de duas horas depois. Tinha os olhos arregalados, os cabelos úmidos, o cavalo coberto de suor. Ignorei as ordens de Jonas e pulei a janela para encontrá-lo no quintal. Havia perseguido a criatura até as bordas do Fortaleza, onde ela desapareceu em meio à névoa que subia do abismo. Disse ser mais ligeira do que um leão-baio, apesar de mover-se sobre as duas patas. Por fim, mostrou-me a cartucheira vazia:

— Pelo menos uns três tiros eu acertei!

Ao chegar no dia seguinte, meu pai trouxe a notícia que temíamos: Sara estava mesmo com tuberculose. No ambiente pesado que se seguiu Jonas nada falou sobre a aventura noturna de Rodrigo. Irritado, o capataz bebia cada vez mais, até ser encontrado com a barriga aberta próximo a uma bodega de cachaceiros, em São Francisco de Paula.

Sara morreu menos de um mês depois. Passado o luto, Rodrigo e eu esperamos uma melhora do tempo para percorrer a cavalo o lado Sul do Fortaleza, mas encontramos apenas cartuchos vazios e o facão enferrujado de Argemiro.

Pretendíamos seguir pelo lado Norte à tarde, mas naquele dia a viração chegou mais cedo do que de costume. O orvalho congelado fazia-nos escorregar no piso rochoso, e já estávamos desistindo quando avistamos, ao pé da Pedra do Segredo, uma série de crânios perfilados em semicírculo. Havia muita neblina, soprada por um vento glacial que sibilava por entre as árvores, e o frio era quase insuportável. Ainda assim pude identificar, ao lado de restos de cavalos e ovelhas, ao menos duas caveiras humanas.

Fiquei apavorado, quis galopar até a fazenda, chamar meu pai e os outros para verem aquilo. Rodrigo não deixou, disse que a névoa me faria despencar na primeira fenda. Aos poucos foi me acalmando e, ao final, deixei-me convencer a juntar pasto seco e gravetos o suficiente para fazer uma fogueira. "Isto é o

santuário do demônio", murmurou, enquanto observava as chamas ganharem as alturas. Depois, jogamos os restos calcinados no abismo e voltamos para casa devagar, em um silêncio pesado.

Por diversos meses tentei persuadi-lo a revelar os acontecimentos daquela noite. Ele negava sempre, alegando a falta de uma prova concreta, antecipando a inevitável zombaria de que seríamos alvo. No íntimo, receava que a junta de seleção pudesse considerá-lo insano, recusando seu ingresso na Academia Militar.

Rodrigo formou-se com honras, atingindo o posto de capitão em pouco tempo. Semanas antes de morrer, enviou-me um artigo de jornal que mencionava a existência de homídeos gigantescos, denominados Yetis, ou Pés-Grandes, nos arredores do Himalaia.

Muitos anos depois, pesquisando o assunto na Biblioteca Nacional, encontrei em um livro a imagem de um suposto Pé-Grande, fotografado nos altiplanos do Tibete, em 1951. Sua estatura, a coloração dos pêlos e as feições simiescas coincidiam exatamente com a criatura que vimos naquela distante noite de inverno. Senti ímpetos de convocar a imprensa, dizer ao mundo que tais seres existem, que havia um Yeti nas profundezas do Cânion Fortaleza. Passada a euforia, refleti melhor e creio que finalmente compreendi os receios de Rodrigo. Já era então um médico conhecido, respeitado pela sociedade.

Hoje nada disto importa, estou morrendo. Nunca soube se meu irmão agiu bem em atirar na criatura, mas creio que ela esteve melhor estes anos todos no fundo do cânion do que aprisionada em uma jaula, objeto dos mais variados vandalismos científicos. Se um dia ficar comprovado ser o Yeti de Cambará o Elo Perdido, um primo menos apto que se desgarrou nos caminhos da evolução, então a teoria de Darwin restará fortalecida: em matéria de ferocidade, não há criatura na Terra que vença a besta humana.

Marcel Citro